

IMAGINÁRIA E DEVOÇÕES NO CATOLICISMO BRASILEIRO. NOTAS DE UMA PESQUISA

Fernando Torres-Londoño*

A historiografia brasileira, preocupada desde os anos 80 com uma diversificação de seus objetos, incluiu também como horizonte de pesquisa a recuperação do percurso da História da Igreja e das religiosidades no país.¹ Nos anos 90, alguns trabalhos realizados nas pós-graduações das universidades trilham as pistas levantadas por Gilberto Freire, Eduardo Hoornaert e Laura Mello de Souza, sobre a presença estratégica das devoções vindas de Portugal para a introdução do cristianismo no Brasil.²

Na PUC-SP, no âmbito do grupo sobre Imaginário Religioso Brasileiro, tem-se adiantado pesquisas sobre devoções que cobrem diversas épocas, regiões e aspectos. Estas pesquisas tratam das práticas, das crenças e dos significados de devoções consagradas e reconhecidas nacionalmente, como o Bom Jesus de Matosinhos, o Bom Jesus do Porto das Caixas, São Francisco das Chagas no Canindé, São Lázaro em Cuba.³ Também

* Doutor em História pela USP. Professor da PUC-SP no Departamento de História no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.

1 Com base no levantamento da produção de teses e dissertações das pós-graduações em História entre 1985 e 1994, realizado por Anphu a Cehila levantou e publicou os resumos de 173 dissertações, ver "Seleção de dissertações e teses sobre temas relativos à história da Igreja no Brasil, na América Latina e no Caribe", Boletim Cehila, 51-52, encarte, 1996.

2 Ver Gilberto Freire. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975. Eduardo Hoornaert, *Formação do catolicismo Brasileiro, 1550-1800*. Petrópolis, Vozes, 1991. Laura de Mello e Souza, *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

3 Ver, Regina C. Padovan. *O Santuário do Bom Jesus de Matosinhos*, 1997. José Carlos Pereira. *A eficácia simbólica do sacrifício: uma abordagem da relação sacrificial na devoção ao Bom Jesus do Porto das Caixas*, 1999. Ofelia Pérez, *La devoción a San Lázaro como parte de la religiosidad más extendida en Cuba*, 1999. Atualmente Marcelo de Oliveira adianta, no programa das Ciências da Religião, dissertação sobre gestos e símbolos das romarias de Canindé.

se tem estudado cultos locais que inspiram rituais e atos de veneração e devoções tanto na área urbana como nas grandes cidades.⁴

Estas pesquisas mostram que as devoções populares no Brasil atravessaram os séculos, crescendo e se reinventando. Devoções que vêm do período colonial, à Nossa Senhora, ao Jesus Crucificado e a santos como São Francisco das Chagas, têm-se mantido e continuam atraindo aos santuários milhares de pessoas a cada ano. Devoções introduzidas e adaptadas no século XX por diversos motivos, como São Judas e Santa Edwiges, têm feito de lugares comuns santuários e centros de peregrinação, introduzindo no calendário religioso novos momentos de festa durante o ano. Ainda, a religião popular no Brasil tem levado ao reconhecimento de santidade em pessoas, como o Padre Cícero, Frei Damião.

Porém, as devoções não só se conservam como se transformam. Acreditamos que elas adaptaram suas práticas ao ritmo veloz e ao anonimato das grandes cidades, onde também a secularização foi muito ampla. Preservando recursos como a veneração das imagens, elas ganham representações, com novos sentidos e práticas, galgando espaços e diversificando seus meios de expressão. Em uma direção que valoriza a cultura popular e que no caso da religiosidade popular aponta para o que Cristian Parker chamou de uma “outra lógica”,⁵ acreditamos que é insuficiente considerar as devoções em uma relação reduzida ao marco de promessa/obtenção graça/pagamento da promessa. Hoje como no passado as devoções constituem um espaço de leigos, obviamente não preservado da disputa com os especialistas religiosos. Elas servem para a expressão de identidades ameaçadas de dissolução, ajudam eficazmente na superação da fragmentação quotidiana dos pobres e atribulados, recuperando sentido e esperança, e trazendo a afetividade para a experiência religiosa faz contraponto à catequese católica do Deus castigador e distante.⁶

4 Nessa linha têm sido defendidas no Programa das Ciências da Religião as dissertações de Maria do Carmo Forti, *E ela fez o milagre*, 1997 (publicado, em 1999, pela Anablume, como *Maria de Juazeiro*). Adilson da Silva Mello. *Aspectos da religiosidade popular na cidade de Cunha: estudo do caso de Sá Mariinha das Três Pontes*, 1999. Julio Cesar Moreno. *A devoção a Santo Expedito na cidade de São Paulo*, 2000.

5 Sobre a retomada da religiosidade popular vista desde uma “outra lógica”, ver Cristian Parker. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1995.

6 A respeito, ver Fernando Torres-Londoño. As devoções e o ser religioso do Brasil. *Tempo e Presença*, mar./abr. 2000, pp. 17-21.

Foi a evidência de santinhos de Santo Expedito em São Paulo, a partir da distribuição de milheiros de impressos da imagem do santo, o que primeiro nos levou a considerar um aspecto pouco examinado nas devoções populares: sua imaginária. Também na localização das representações do santo, deparamo-nos com um mestrado orientado na USP pelo Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, sobre a iconografia de Nossa Senhora de Aparecida, que apontava para o importante papel cumprido pela imaginária de Nossa Senhora na construção desta devoção como símbolo nacional. Depois, o acompanhamento de uma pesquisa desenvolvida no Vale do Paraíba pelo Dr. José Rogério Lopes, da Universidade de Taubaté, levou-nos a examinar os diversos usos dados aos santinhos em práticas religiosas ainda vigentes nos municípios da região.⁷ Ainda, os registros existentes de ex-votos coloniais e dos atuais ex-votos amontoados aos milhares nas salas de milagres dos santuários nos apontaram para um universo mais amplo de representações presente em uma infinidade de objetos. Tal o leque de informações que constitui a base para a formulação das indagações de nossas pesquisas.

Imaginária e devoções na tradição católica

A ausência de representações divinas foi um traço que diferenciou Israel entre seus vizinhos. O capítulo 14 do livro da Sabedoria descreve diversas práticas de adoração a elementos da natureza e a objetos fabricados pelo homem e os condena como idolatria. O cristianismo não teve, pois, herança de representações da divindade e se manteve assim nos primeiros séculos.

Por influência da tradição grega no século IV, começou-se a decorar com ícones os lugares de culto. Mesmo não sendo consenso entre os primeiros padres, no século VI já se representava em ícones a natureza humana de Cristo, prática que se alastrou rapidamente pela parte oriental do Império Bizantino. A reação dos que viam nesta adoração formas de paganismo, gerou o movimento dos iconoclastas que, de 730 a 840 mais ou menos, colocou em conflitos patriarcas e bispos, o papado e o Império, Roma e Constantinopla, levando à convocação de sínodos e concílios e ao surgimento de uma heresia. Condenado o iconoclastismo, toda a disputa a que deu origem produziu dezenas

7 Mateus Marcos Ribeiro e Marcelo Henrique Santos Toledo desenvolvem mestrados a este respeito no programa de Ciências da Religião da PUC.

de textos que legitimavam a prática já muito difundida entre os artistas cristãos, de representar os santos e cenas evangélicas.⁸

Durante a Idade Média o culto aos santos, vistos como protetores pelos fiéis e como exemplos pela hierarquia, estendeu-se por toda a cristandade. Festas e ritos de origem não cristã, como os praticados no primeiro de maio ou na celebração de São João, também se arraigaram em um universo de domínio agrícola. Relíquias dos mais variados tipos proliferaram e lugares associados a Cristo e aos santos se transformaram em destino de peregrinações, compensadas com indulgências.⁹

A Reforma Protestante atacou o culto às imagens e a Reforma Católica lutou contra as superstições e os rituais considerados pagãos. O Concílio de Trento, na sessão final, em um decreto pequeno para questão tão ampla e sensível, entendeu que os santos

que reinam justamente com Jesus Cristo, oferecem a Deus pelos homens a suas orações; e que é bom e útil invocá-los humildemente e recorrer às suas orações, poder e auxílio para alcançar benefícios de Deus. (Concílio Tridentino, p. 349)

Respeito às imagens de Cristo, Nossa Senhora e dos santos, o Concílio determinou que dever-se-ia tributar-lhes devida honra e veneração

não porque se creia que há nelas alguma divindade, ou virtude, pela qual se hajam de venerar, ou se lhes deva pedir algum coisa, ou se deva pôr a confiança nas imagens, como antigamente os gentios punham a sua confiança nos ídolos; mas porque a honra, que se lhes dá, se refere aos originais que elas representam; em forma que mediante as imagens que beijamos, e em cuja presença descobrimos a cabeça, e nos postramos, adoremos a Cristo, e veneremos os santos, cuja semelhança representam. (Concílio Tridentino, p. 351)

Assim o Concílio de Trento legitimou a veneração aos santos como intercessores dos homens ante Deus; respondeu à acusação de idolatria da Reforma, e sem entrar em mais controvérsias, citou o segundo Concílio de Nicéia que condenou os iconoclastas, definindo as imagens como representações. Manteve também a prática das relíquias e

8 Para a questão iconoclasta ver o resumo de P. A Yannopoulos, "Do segundo concílio de Constantinopla (553) ao segundo concílio de Nicéia (786-787)". In: G. Alberigo (org.). *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo, Paulus, 1990, pp. 134-135.

9 Uma avaliação ponderada deste período está em M. Venard. "O Concílio Lateranense V e o Tridentino". In: G. Alberigo, op. cit., pp. 317-323.

a veneração das imagens, deixando ao bispo do lugar a responsabilidade por evitar exageros.

Para Francastel, o espírito ponderado do Concílio na questão das imagens foi deixado de lado para atender às modalidades de sensibilidade exigidas pelas massas “para as quais os clérigos tiveram de se voltar quando se tratou de reuni-las e de impor o novo catolicismo” (Francastel, 1993, p. 403). Ainda, os clérigos e em especial os jesuítas, teriam sido “cada vez mais seduzidos com o tempo, pelos proveitos que podiam lhes dar o controle e a multiplicação das imagens sagradas tão apreciadas pelo povo” (Francastel, 1993, p. 374), o que explicaria o surto da iconografia religiosa nos séculos XVII e XVIII.

Este contexto da catolicidade depois de Trento propiciou o aparecimento de inúmeras devoções marianas. Várias destas devoções a Maria surgiram a partir da identificação de estátuas miraculosas, afirmando-se ainda mais a tradição taumaturga da devoção aos santos. Auspiciadas pelas ordens religiosas, práticas como as do escapulário e as medalhas se difundiram adquirindo traços de talismãs.

Na colônia portuguesa na América não foi diferente, as devoções atravessaram o Atlântico trazidas pelos conquistadores e missionários e se fizeram presentes tanto no âmbito privado como no público. No início do século XVIII, segundo as informações contidas em Santuário Mariano de 1723, eram veneradas no Brasil em igrejas e capelas 346 nossas senhoras (Santa Maria, 1723). Algo parecido deveria acontecer com o Bom Jesus e santos de grande popularidade como São Francisco e Santo Antônio. No fim do XVIII e no início do XIX, santeiros e artesãos de diferentes regiões produziam ex-votos pintados em madeira, talhas de pequeno porte e os mais diversos objetos religiosos em cera, tecido e madeira.

Em 1854, na capela de Nossa Senhora de Aparecida, foram achadas pinturas gravadas em papel, que o bispo Dom Antônio Joaquim de Mello mandou queimar (Santos, 2000, p. 69). Em 1884, segundo o *Correio Paulistano*, eram oferecidos em Aparecida aos devotos imagens litografadas, cordéis, cordões de fitas e “retratos verdadeiros de Nossa Senhora Aparecida” (Santos, 2000, p. 61). Também, nesta época se popularizava entre os católicos a utilização de estampas para marcar a recepção de sacramentos como o batismo, a primeira comunhão ou as liturgias acostumadas, nos falecimentos e enterros.

Com a chegada das imprensas e o estabelecimento de gráficas por parte de comunidades religiosas no início do século, a produção de estampas com imagens dos santos multiplicou-se. As estampas traziam os temas valorizados pelo espírito romanizado como o martírio, a piedade, a santidade; utilizavam muitas vezes matrizes européias e

seguiam a estética dos ilustradores de temas destinados ao consumo do grande público. Bispos e ordens religiosas passaram a dispor assim de mais um recurso para introduzir novas devoções, orações e práticas que incentivavam a piedade individual. O que trouxe uma importante vantagem para a pastoral da Igreja em um universo de fiéis no qual predominava o analfabetismo e que tinha feito da relação pessoal com o santo um traço fundamental de sua religiosidade.

A imaginária das devoções afirmou-se, pois, com força por meio dos santinhos e se manteve em evidência junto com outras práticas religiosas populares até os anos 60 e 70. Depois, declinou, ficando confinada ao universo rural e das pequenas cidades. Vários processos podem ser apontados como responsáveis deste encobrimento da imaginária religiosa: a intensa urbanização vivida nos anos 60 e 70, a liberalização de costumes nas cidades; a secularização do cotidiano celebrada pelos meios de comunicação; o crescimento de novas igrejas e a evidência de outras religiões; as mudanças pastorais provocadas com a implantação de Vaticano II e os novos padrões estéticos e de *status* seguidos e pregoados pela classe média. Afinada com uma presença maior do religioso na sociedade brasileira no final dos anos 90, a imaginária das devoções começa a ficar mais evidente no universo urbano, ainda que de forma tímida e sem que se tenha a certeza de que o retorno será duradouro.

A pesquisa sobre imaginária e devoção popular: alguns achados

Como abordar esta imaginária? Como se constituiu? Como resgatar alguns dos sentidos que vem adquirindo? Ainda, que caminho percorrer para identificar a historicidade que a marca? São algumas das indagações que aparecem na trilha sinuosa e pouco clara de localizar santinhos e depois se debruçar sobre milhares deles.

Entre as hipóteses formuladas para responder às indagações, destacamos nesta apresentação a seguinte: a devoção passa pela imagem, as representações dos santos, as significações atribuídas a elas e os diversos usos das imagens servem eficientemente para colocar as devoções na vida dos fiéis. Na aplicação destas hipóteses na pesquisa se tem chegado a conclusões que nos permitem identificar três fios condutores que serão apresentados brevemente.

Primeiro, na imaginária das devoções populares multiplicadas aos milhares, o que interessa ao devoto é sua condição de ex-voto, de registro e evocação. Como ex-voto, a imagem anuncia a existência de uma graça. Sua presença é uma mensagem para quem

possa entender que a bondade divina se fez presente através de seu santo. Aliás, uma mensagem com um caráter tríplice. Assim, a imagem é testemunho da intervenção do santo, do reconhecimento do devoto e do desejo deste de comunicar a bênção recebida. Sua mensagem se dirige pois a Deus, ao santo e ao devoto em potencial, que contemplando o ex-voto pode ficar “edificado” com o testemunho.

A vontade de afirmar a graça, de reconhecer e anunciar o milagre, a cura extraordinária pela intervenção do santo, move ao devoto. Porém essa vontade o leva também a utilizar dentro de sua cultura os recursos plásticos de que dispõe para comunicar a graça de que foi objeto. Assim, em determinados ex-votos, evoca-se a memória do feito miraculoso através de sua representação.

Nos quadrinhos em madeira dos séculos XVIII e XIX, dedicados a agradecer ao Bom Jesus de Matosinhos, os pintores de ex-votos pintaram uma ferida aberta ou os rastros de sangue de um ferimento a bala, em um grande esforço de reprodução da realidade, dados seus recursos técnicos (ver Figuras 1 e 2), em um canto do quadro reproduziam a imagem do Bom Jesus, assinalando por meio de nuvens ou resplendores sua intervenção milagrosa. Não ficando contente com isto, o devoto, segundo o costume, redigia um texto na parte de baixo do próprio quadro no qual se identificava, mencionava o santo e descrevia a graça. O ex-voto, assim denotado, deveria ser eficiente na comunicação do testemunho que se pretendia.

Durante os séculos XIX e XX a madeira, a cera e depois o plástico foram utilizados pelos devotos para fazer peças que reproduziam partes do corpo humano. Querendo reproduzir dimensões, peso e cor, de órgãos e membros, os devotos esticaram os limites da representação. Ainda entupiram salas de milagres de muletas, cadeiras de rodas e próteses, que ficaram sem uso e cobriram as paredes de exames clínicos, atestados médicos, fotos e diplomas os mais variados (ver Figura 3). Assim a dimensão de prova do ex-voto passou a ser incontestável.

Porém, mesmo com esse percurso em que o realismo da pintura, a reprodução em cera do órgão ou a presença do atestado médico mostram a decidida vontade de anunciar por todos os meios visuais a existência do extraordinário o que interessa no ex-voto é o registro deste anúncio ligado à intervenção do santo. Assim, mesmo tratando-se das lacônicas faixas de Santo Expedito das ruas de São Paulo, o ex-voto deve poder ser entendido com facilidade na sua mensagem. Isto exige que exista por parte dos destinatários da mensagem um pré-conhecimento da devoção que lhes permita entender a que se estão referindo os diversos signos do ex-voto.



Figura 1 – Quadro de ex-voto n. 15. Sala dos Milagres. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. In: Regina C. Padovan. *O Santuário do Bom Jesus de Matosinhos*. Dissertação de Mestrado em História, PUC-SP, 1997, p. 144.



Figura 2 – Quadro de ex-voto n. 69. Sala dos Milagres. Santuário do Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo. In: Regina C. Padovan. *O Santuário do Bom Jesus de Matosinhos*.

Figura 3 – Fotografia de ex-votos, sala dos milagres no Santuário de Porto das Caixas, tomada de José Carlos Pereira, *A eficácia simbólica do sacrifício: uma abordagem da relação sacrificial na devoção ao Bom Jesus do Porto das Caixas*, Dissertação de mestrado em Ciências da Religião, PUC-SP,1999, Anexo 2, foto do autor n. 10.



Segundo, na imaginária das devoções, particularmente nos santinhos, a figura, os motivos e mesmo os temas a que pode estar associada são secundários.

As imagens são esculpidas ou pintadas seguindo padrões que respondem ao interesse de fixar e difundir a devoção. O que atrai o devoto não é a qualidade estética da imagem ou mesmo seus traços. Aos devotos interessa que a representação corresponda ao que a tradição foi convencionando como referencial e eles esperam do santo. O que importa é manter um referencial da hagiografia definido historicamente, que adotou traços, signos ou motivos que, pelas suas características, passaram a ser considerados distintivos na biografia do santo, sendo aceitos e consagrados pela tradição.

Tomemos, por exemplo, o levantamento de imagens de Santo Expedito feito por Julio Moreno. A imaginária mais difundida dos santinhos de Santo Expedito é constituída por uma série de variações sobre uma mesma referência: um homem no que se convencionou ser a indumentária de legionário romano, colocado no centro, rodeado por uma paisagem nítida, enfumaçada ou por um simples fundo de cor. A atitude do santo também é a mesma, com o braço direito levanta uma cruz e com a mão esquerda segura a palma do martírio. Quase sempre a perna direita aparece na frente e a esquerda um pouco atrás; em algumas imagens, parece estar caminhando. Os signos e os motivos são: a capa vermelha, uma cruz com a palavra “hoje” em latim, a palma do martírio, a auréola da beatitude, o elmo, um corvo que com o bico segura uma fita com a palavra “ontem”, também em latim.

A imaginária de Santo Expedito parece datar do século XIX e seguiria o padrão de muitas representações de santos difundidas na América por missionários ou imigrantes europeus. Uma imagem central rodeada por uma série de elementos narrativos de seu contexto cultural, associada a signos e motivos mais ou menos conhecidos que caracterizam as propriedades do santo (ver figuras 4 e 5). Durante anos, a imagem tem sido copiada. Algumas mudanças se produziram, a paisagem e as construções, que seriam uma referência ao Império Romano, foram substituídas na imaginária recente pelos templos e lugares de devoção ao santo (ver figura 6). Algo parecido acontece com o rosto, que pode ser jovem ou maduro, ter barba, penteado e traços distintos. Outros elementos se mantiveram, como a armadura, o saiote, as sandálias, que o identificariam como legionário. A capa vermelha também permanece e hoje seria um distintivo do santo, inscrevendo-se em outra simbologia: a das roupas dos super-heróis das histórias em quadrinhos e do cinema.

A representação de Santo Expedito, hoje, está sendo atravessada pelo crescimento da devoção e pelas diversas intervenções dos agentes desta. As estampas estão mudando para responder ao imaginário construído pelos devotos e as associações atuais. O santo já não está mais referido a seu suposto contexto histórico, a seu martírio em Armênia por confessar a Jesus, mas às igrejas e templos onde é reverenciado.

Na imaginária da devoção, a figura, os motivos e os temas aos que está associada, estão sujeitos a variações, adequações e modas, tributárias da estética determinada pelo projeto de comunicação que conduz a devoção. O que é admitido sem muita dificuldade pelos devotos. O que recentemente foi mostrado por estudo realizado sobre os santinhos



Figura 4 – Estampa de Santo Expedito, contendo oração, Gráfica Reymar, São Paulo.
In: Julio Cesar Moreno. *A devoção a Santo Expedito na cidade de São Paulo.*



Figura 5 – Estampa de Santo Expedito, contendo oração, Gráfica Santana, São Paulo.
In: Julio Cesar Moreno. *A devoção a Santo Expedito na cidade de São Paulo.*



Figura 6 – Estampa de Santo Expedito, contendo oração ao poderoso Santo Expedito, Gráfica Santo Expedito, São Paulo. In: Julio Cesar Moreno. *A devoção a Santo Expedito na cidade de São Paulo*.

de Nossa Senhora Aparecida¹⁰ (ver figuras 7- 8). A devoção vai, pois, compondo a representação, alterando a imagem, aproximando-a do presente e do que faz sentido, carregando-a de símbolos fáceis de reconhecer.

Terceiro, a imagem religiosa multiplicada, feita santinho de gesso, madeira, papel ou mesmo imagem virtual na tela do computador, tem como destino ocupar espaços onde será carregada de sentidos particulares explícitos ou não, definidos pelas diversas práticas de veneração. Nos santuários, nos oratórios domésticos, na cabina de um caminhão, na vitrine de um negócio, na mesa de um escritório, na carteira ou mesmo perdida em um livro de rezas, a imaginária das devoções cumpre funções particulares e expressa significados. Ainda, sendo a reprodução gráfica ou virtual ilimitada, as pos-

10 Lourival dos Santos. *Igreja nacionalismo e devoção popular: as estampas de Nossa Senhora Aparecida 1854-1978*. Departamento de História, USP, 2000, dissertação de Mestrado. Este trabalho reúne e analisa uma das mais completas coleções de estampas de Nossa Senhora, apontando para as variações e transformações, desde a primeira, impressa na Europa sem conhecer a imagem achada no rio até as que trazem a imagem após a restauração de 1978.



Figura 7 – Primeira estampa de Nossa Senhora Aparecida, impressa na França, em 1854, a pedido de Dom Antônio Joaquim de Melo. In: Lourival dos Santos. *Igreja nacionalismo e devoção popular: as estampas de Nossa Senhora Aparecida 1854-1978*.



Figura 8 – Nossa Senhora Aparecida em cartaz de 1972, em comemoração aos 150 anos da Independência. In: Lourival dos Santos. *Igreja nacionalismo e devoção popular: es estampas de Nossa Senhora Aparecida 1854-1978*.

sibilidades de circulação da imagem e de presença em muitos lugares também se multiplicam.

Independente dos detalhes de sua iconografia, a imagem passa a ser definida pelo seu uso e pelas expectativas depositadas na intervenção do santo. Ela pode estar significando proteção, agradecimento, referencial de identidade, etc. Presente no cotidiano do devoto, a imagem aponta para a existência de um vínculo, de uma memória, que bem pode ser a obtenção de uma graça ou a lembrança de alguém morto. Estas variadas significações exigem muitas vezes que a imagem adquira denotação através de um texto, que, no caso dos santinhos de papel, pode ser a oração ao santo ou as circunstâncias da impressão, como nas estampas de falecimento.

Porém este vínculo da imagem com seus usos pode fazer com que as diversas manipulações levem a que seja absorvida pela dimensão de objeto de poder. Assim, acreditando-se na sua eficácia, ela passa a ser utilizada em pequenos rituais que respondem a diversos fins. Adquirindo caráter mágico ela pode terminar se juntando a talismãs ou objetos nos que se acredita que protegem e trazem sorte.

A pesquisa sobre Santo Expedito, realizada na PUC-SP, nos proporciona ricos elementos na definição da imagem do santo e dos seus usos. Como pode ser apreciado na figura 6, a imagem do santo continua trazendo o legionário romano e os emblemas do santo. A devoção tem enfatizado em Santo Expedito sua capacidade em atender rapidamente, “hoje”, os pedidos solicitados. Assim se denota na frase do santinho e na oração no verso, Santo Expedito é o santo das causas e negócios urgentes. Por causas urgentes a pesquisa indicou tratar-se de 44,93% de pedidos de ordem econômica (emprego, negócios, dívidas) e 23,27 de saúde e cura (Moreno, 2000, p. 79). Além disso, nos últimos anos, aquela prontidão do santo tem sido identificada como símbolo de poder, o que também fica explícito em uma frase presente nos santinhos “o poderoso Santo Expedito”.

Porém não basta colocar em palavras os poderes do santo, é importante que eles se traduzam na imagem que, de alguma forma, deve remeter aos imaginários de poder ou de ações poderosas dos contemporâneos do santo. Para os que observam hoje, em um dos santinhos mais populares (ver figura 6), aquele homem embrulhado em uma capa vermelha, é mais fácil lembrar o Super-Homem e seus poderes extraordinários que um legionário romano. Assim, a capa se reveste de novos conteúdos de poder facilmente identificáveis. O Super-Homem, guardião da humanidade, sempre vigilante para aparecer com seu poder aos fracos e necessitados. Isto se aplicaria igualmente ao

corpo de proporções generosas, que remete à força e à aptidão para a luta que devem caracterizar o herói.

Ainda para afirmar o traço guerreiro o gesto decidido com a cruz, que evoca uma espada sendo exibida em sinal de advertência ou ameaça. Finalmente, a evidência do “hoje”, reforçado em alguns santinhos pela frase “o santo das causas urgentes”, assinala com todas as letras as características atuais do santo e a fonte de seu poder. Assim, ante emblemas que hoje pouco significam, outros são transformados em veículos da mensagem que se quer dar: Santo Expedito é um refúgio para os desesperados e invocá-lo é trazer de novo a de esperança de solução dos problemas urgentes de forma eficaz.

Sem importar rosto ou emblemas, o santinho do guerreiro com a capa e empunhando a cruz tem-se transformado, em grandes cidades como São Paulo, em onipresente. Ele está em todo lado, exposto em vitrines e paredes ou oculto em carteiras e bolsos. Colocando em evidência, pelo uso da imagem, a prática de uma devoção de grande crescimento. Mais que o santo com sua história de martírio por causa da fé, é o santinho que se tem ido carregando de conteúdos protetores. Ao mesmo tempo, sua presença em qualquer parte já é mensagem clara para os iniciados e devotos que ali houve ou há uma grande necessidade.

Concluindo, a imaginária das devoções, particularmente as estampas ou santinhos, que se multiplicam desde o século XIX, apresentam uma série de particularidades e exigências para o trabalho do historiador. Excetuando casos como os de Nossa Senhora Aparecida, a maioria das imagens dos santinhos se repete, e não é fácil perceber e interpretar suas mudanças e nuances. As estampas adquirem, no âmbito da devoção, o caráter de ex-votos e assim aparecem em um universo de comunicação triangular entre o santo, os devotos e possíveis interessados que, graças ao testemunho, podem ser ganhos para a devoção. As imagens também se inscrevem em uma tensão de usos, da qual não está excluída sua utilização como objeto de poder.

Bibliografia

Francastel, P. *A realidade figurativa*. São Paulo, Perspectiva, 1993.

Moreno, J. C. *A devoção a Santo Expedito na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC, São Paulo, 2000.

- O Sagrado Ecumênico e Geral Concílio Tridentino em Latim e Portuguez.
Santa Maria, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano*. Lisboa, Antônio Pedroso Galram,
1707-1723, vols. IX e X .
- Santos, L. dos. *Igreja, nacionalismo e devoção popular: as estampas de Nossa Senhora Aparecida 1854-1978*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.